

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—*As nossas edições e o Episcopado Catholico*—I, S. Em.^a o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, approva e indulgencia o *Manual da Pia União*; II, *Carta do fallecido Bispo de Portalegre approvando a Historia Verdadeira da Inquisição*.—O Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa e a maçonaria, pela redacção.—Secção Religiosa: *A União Catholica: Pastoral de S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. Arcebispo de Perga, doera do Jubileu do Santo Padre*.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão, XVIII, Liturgia catholica*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Historica: *O verdadeiro auctor da Imitação de Christo*, por V.—Secção Critica: *Coisitas*, por um catholico.—Secção Litteraria: *O Dia de Finados*, poesia, por Rangel de Quadros; *O Clero e a sciencia*, por J. C. Rodrigues de Faria.—Secção Illustrada: II, *Um religioso do monte S. Bernardo*; III, *Como se viaja na Russia*; IV, *Cidade de Moscou, na Russia*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GRAVURAS: *Cidade de Moscou, na Russia; Convento de Santa Clara, em Villa do Conde; Uma belleza de Mecca.*

AS NOSSAS EDIÇÕES E O EPISCOPADO CATHOLICO

I

MANUAL DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA

APPROVAÇÃO E INDULGENCIA DE S. EM.^a RV.^{ma} O SNR. CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

«Approvamos e muito recommendamos aos fieis d'este Nosso Patriarchado o—**MANUAL DA PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA**, sob o Patrocinio de Santa Ignez, Virgem e Martyr—pelo conego Dr. Ananias Correia de Amaral, do imperio do Brazil, o qual foi editado na cidade de Guimarães pelo incansavel editor catholico Teixeira de Freitas.

Aos fieis que d'elle usarem concedemos cem dias de indulgencias.

Lisboa—Paço de S. Vicente 12 de Outubro de 1887.

✠ J. Cardeal Patriarcha.

Monsenhor, Alfredo Elviro dos Santos, secretario.»

II

HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO

CARTA DE S. EX.^a RV.^{ma} O SNR. BISPO DE PORTALEGRE

ESCRIPTA POUCOS DIAS ANTES DE FALLECER

APPROVANDO A

HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO

Ill.^{mo} Snr.

Ainda agora posso corresponder á sua attenciosa carta, que acompanhava o exemplar da edição portugueza da HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, com que V. obsequiosamente me contemplou e que muito agradeço.

Persuadido de que esta edição, a qual ainda não pude examinar detidamente, corresponde fielmente ao original da dita obra, que assás recommendada tem sido e elogiada pelos Summos Pontifices e por muitos Bispos, não duvido dar-lhe a minha approvação, annuindo assim ao desejo que V. manifesta, e applaudindo ao mesmo tempo o seu empenho em vulgarisar este genero de escriptos, de incontestavel utilidade para a Igreja e para a sociedade.

Portalegre 25 de Agosto de 1887.

✠ Manuel, Bispo de Portalegre.

GUIMARÃES 15 DE NOVEMBRO DE 1887

O Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa e a maçonaria

EIS-NOS levantados em meio da imprensa, hasteando destemidos a bandeira catholica, contornados por todos os nossos estimaveis leitores, para erguer um brado phrenetico, entusiasta, livre, como a fé que nos anima, saudando o Prelado digno, o Apostolo venerando, o descendente d'Aquelles que levaram a civilisação e o progresso a todos os recantos da terra.

Salvê! venerando Prelado Lisbonense! Nós vos saudamos e reverentes dobramos o joelho para vos agradecer em nome de QUATRO MIL catholicos a alegria, o prazer, a felicidade que nossos corações experimentaram ao saber que vós, Senhor, desprezando humanos respeitos, rindo dos mentidos ouropéis terrenos, occupaste o lugar do Bispo catholico, á porta do templo para bradar, com a auctoridade que vem de Deus, ás hordas selvaticas do maçonismo:— Atraz, inimigos do meu Senhor e do meu Deus! Atraz, blasphemos e insultadores do nome de Christo e de Sua Santissima Mãe! Atraz, coripeus á seita maldita!

Não tem logar no templo quem o derroca, quem lapida com leis expoliadoras os bens da Igreja, quem vive calcando as leis mais santas, gargalhando cynicamente dos dogmas proclamados nos concilios, nas academias, nas obras dos Santos Padres e nos escriptos dos theologos mais celebrados em todos os tempos.

Não tem logar no templo o Gran-mestre da maçonaria, porque a Igreja é mãe carinhosa de seus filhos, e só para elles reserva as suas preces, porque só por elles é que são escutadas no céu, onde tem cabida todos os que curvam a cerviz diante do Papa; e vós, mações, que durante a vida nada quereis com a Igreja, que não observaes os seus mandamentos, que blasonaes de livres-pensadores, estando atrelados ao carro da mais feroz e estúpida tyrannia, não podeis ter logar na celestial morada, não podeis, por isso, querer os suffragios de nossa Mãe querida, porque isso seria o maior dos dilates.

Para traz, inimigos do nome christão, insultadores do labaro santo do Calvario, que não pode o templo profanar-se com o malhete do Gran-mestrado da maçonaria, nem levantar o respeito devido á casa de Deus com as ridiculas momices das vossas arlequinadas.

Para traz, para traz, homens excom-

mungados pelo Papa, pelo representante de Jesus Christo na terra!

Sim, Em.^{mo} Senhor, nós vos saudamos, e louvamos a Deus, de quem sois dignissimo Apostolo, por nos dar uma tal consolação, a que, infelizmente, não estavamos costumados.

Já uma voz se ergueu franca, destemida para fazer recuar a onda revolucionaria; e a onda revolucionaria recuou, e hade recuar sempre que a voz da Igreja se faça ouvir pela bocca dos Bispos, porque os Bispos são os representantes do Papa, e o Papa é o chefe da Igreja, o mestre infallivel da Religião que em Portugal é considerada como Religião do Estado.

O que é para lastimar é que haja padres tão pouco illuminados, ou tão innocentes, que ignorem as leis da Igreja, e que assim rasguem no templo (e ás vezes na rua) as vestes sacerdotaes e façam das preces e das ceremonias catholicas uma mercadoria. O que é para lastimar é que em todo o campo se não faça ouvir a voz das sentinellas de Israel, porque se o campo fosse bem atalaiado, não haveria indifferentes, não haveria timidos, não haveria ignorantes.

Porque, desenganemo-nos, se não houvessem indifferentes, timidos, ignorantes (dos seus deveres) em meio do clero catholico, este saberia occupar o seu logar, saberia onde podia enodoar a batina, e onde a lustrar: saberia que o padre é ministro da Religião Catholica Apostolica Romana, e que só nas festas da Igreja deve tomar parte, como sacerdote, e só pelos filhos d'Elle deve rezar as orações do Ritual. Saberia que a maçonaria tem o maior empenho em arrastar o padre para as suas festas, não com o fim de as engrandecer, mas para rebaixar o ministro da Religião que ella odeia, para mostrar ás turbas ignaras que o padre ri das praticas religiosas, como elles, e, associando-se á seita que a Igreja condemna, mostra que não crê na Religião que professa, mostra que veste uma tunica por modo de vida, e que as *Encyclicas* dos Papas e as Pastoraes dos Bispos teem o mesmo valor que as *pranchas* maçonicas.

E' isto o que a maçonaria quer do padre, é isto ao que o padre se presta quando toma parte em qualquer acto promovido pelas filhas da viuva. E' d'isto que nós queriamos vêr livre o padre, para o que não nos cançaremos de bradar, para que nos escutem os que dormem; e é por isso que nos alegramos com o proceder dignissimo do Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa, cujo exemplo, cremos, hade ser seguido por todo o respeitavel Episcopado portuguez.

SECÇÃO RELIGIOSA

A União Catholica

Pastoral de S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. Arcebispo de Perga, ácerca do Jubileu do Santo Padre

D. Augusto Eduardo Nunes, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica Arcebispo Titular de Perga, Coadjutor com futura successão e Governador do Arcebispado d'Evora, Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, etc.

Ao Illustrissimo e Reverendissimo Cabido, aos Muito Reverendos Desembargadores da Relação Ecclesiastica e Vigarios da Vara, Reverendos Parochos e Clerigos, e a todos os fleis da Archidiocese Metropolitana d'Evora, Saude e Benção em Jesus Christo Salvador Nosso.

EA na existencia de cada um de nós, Reverendos Cooperadôres e amados filhos em Jesus Christo, dias especialmente memoraveis, datas assignaladas por acontecimentos importantes e fortunosos, que nos comprazemos de recordar, — quaes marcos milliaris, que medem e resumem a nossa peregrinação terrestre.

Todos os que somos ministros de Christo e dispensadôres dos mysterios divinos (1), reputâmos certamente como principal entre esses dias memorandos aquelle em que, investidos do Sacerdocio da Lei Nova, subimos pela primeira vez ao Altar para offerecer ao Eterno Pae a Victima augusta e incruenta, a Hostia de propiciação pelos peccados do mundo, o Corpo e o Sangue do proprio Unigenito de Deus, Jesus Christo Salvador e Redemptor Nosso.

E, se os anniversarios d'essa data felicissima devem ser sempre festejados com sancta alegria, vivas acções de graças e firmes propositos de renovação de vida em união com o Sacerdote Eterno segundo a ordem de Melchisedech (2); quanto maior e mais justo não será o prazer, a gratidão, o fervôr d'aquelle a quem a Providencia permite celebrar o *cincoentenario* (desculpe-se o neologismo), o meio seculo de Sacerdocio!?

Esta graça, esta ventura a poucos concedida, a que se usa dar a poetica denominação de *Nupcias d'ouro Sacerdotaes*, vai em breve gozã-la (da Bondade Infinita o devemos esperar) o primeiro dos Sacerdotes do mundo, o Pontífice Maximo, o Sanctissimo Padre Leão XIII.

(1) *Sic nos existimet homo ut ministros Christi, et dispensatores mysteriorum Dei* (I. Cor. IV, 1.)

(2) *Tu es Sacerdos in eternum secundam ordinem Melchisedech* (Ps. CIX, 4.)

No dia 31 de dezembro proximo completará Sua Sanctidade cincoenta annos desde a sua primeira Missa, e celebrará o seu faustissimo JUBILEU SACERDOTAL.

Ha dez lustros o Padre Joaquim Peci, cheio de sancto ardôr, joven ainda, mas já veneravel por seu saber e suas virtudes, sacrificava pela primeira vez o mesmo Cordeiro Immaculado que hoje Leão XIII, alteado ao fastigio do Sacerdocio Christão, com a fronte encanecida de cem combates e aureolada de cem victorias, offerece ainda em face do mundo, que o reconhece e aclama Pastor e Pae!

Eis a grata noticia que por este meio, em desempenho de Nossos deveres pastoraes, vos communicamos officialmente, RR. Cooperadôres e charos filhos em J. C., postoque já porventura não seja de nenhum de vós ignorada.

Anima-nos a esperanza de que ella será por vós todos recebida com os sentimentos de piedoso jubilo e filial amôr proprios de Sacerdotes catholicos e de membros fléis da Igreja, proprios de ovelhas e cordeiros que pela graça divina estão em communhão de fé e obediencia com o Vigario de CHRISTO.

Se, quando a cabeça soffre, todo o corpo se dôe, é justo e é natural que participem os membros do contentamento da cabeça; é justo e é natural que os filhos se regozijem com as alegrias do pae, que os discipulos exultem com as glórias do mestre, e as ovelhas folguem com a felicidade do pastor.

E nós todos, mercê de Deus, venerámos no Papa o Cabeça da Igreja Universal, o Pae de nossas almas, o Mestre infallivel da fé e da moral, o Pastor amoroso que nos conduz aos salutaes pascigos da verdade e da vida, a Luz celeste (*Lumen in caelo*) que nos dirige os passos nas tortuosas veredas d'este mundo involto nas trevas do êro e nas sombras da morte: *Lucerna pedibus meis verbum tuum, et lumen semitis meis.* (1)

A todos nós sem dũvida é dôce e grato prostrar-mo'-nos reverentes aos pés do Representante de Deus na terra, dizermo'-nos seus filhos respeitosos, e assellar-mos com vozes sinceras e testemunhos significativos a nossa obediencia, o nosso respeito, o nosso amôr.

E que outro mais propicio ensejo para taes demonstraões, do que as proximas Bodas de ouro Sacerdotaes de Leão XIII?

Com effeito, religiosissimas pessoas conceberam o designio, que dia a dia vai tendo execuão, de convidar os catholicos de todo o mundo a festejarem este solemnissimo e ditosissimo Jubileu com extraordinarias manifestaões de

plena dedicaão, de respeitoso affecto, de alegria filial; e é maravilhoso o transporte, o enthusiasmo com que por toda a parte vai sendo acolhida, applaudida e realizada esta idéa. As adhesões tõem-se multiplicado em número incalculavel, não só na Italia e na Europa, mas na America, nas ilhas oceanicas, em todos os cantos do orbe, onde quer que vivem catholicos, em tal maneira, que podêmos d'antemão estar seguros de que a festa do Papa será verdadeiramente uma festa do mundo, e tal que não se lhe achará semelhante na historia dos passados seculos.

Se infelizmente Nos não é dado pretender que a diocese eborense rivalize com as primeiras n'estas demonstraões, não podêmos todavia calar a esperanza e o desejo de que o Clero e os fléis d'este Arcebispado não fiquem de todo extranhos a tam solemne e valiosa homenagem ao Summo Pontifice.

Nas circumstancias do tempo presente tem esta homenagem uma importancia maior e uma significação especial: além de se dirigir a consolar o Sancto Padre nas tribulaões que lhe pungem a alma, e a lenificar-lhe as difficuldades da sua penosa situação, servirá de mostrar ao mundo a vitalidade do Catholicismo e dar um vigoroso desmentido á incredulidade, que impudentemente affirma estar a Igreja decrepita e o Papado moribundo.

Digamos pois bem alto, com as affirmações convictas da nossa palavra, e melhor ainda com as provas praticas de nossas obras, que os Catholicos estão unidos em torno do seu Chefe espirital; que a Igreja Catholica Apostolica Romana se assignala ainda, entre todas as sociedades religiosas, pelo character indelevel da unidade,—da unidade, que é a lei da verdade e da belleza, da força e da vida; que o Solio Pontificio, mão grado de seus irreconciliaveis inimigos, se ergue ainda firme e sobranceiro ás procellas; e que, se os Papas morrem, o Papado é immortal!

Desde que o Divino Fundador da Igreja disse ao pobre pescador galileu: «*Pasce agnos meos... Pasce oves meas*», os successores de Pedro jámais desfal-leceram no grande magisterio doutrinal que lhes foi divinamente commettido. Progenie soberana, entre todas antiga e gloriosa, os Romanos Pontifices tõem assistido á extincção das raças reaes mais nobres e poderosas, á agonia dos maiores imperios sumidos nas ondas dos seculos, ao rebentar das luctas mais formidaveis, ao referver das convulsões mais profundas: e, sem quebra da sua auctoridade suprema, sem turvação da sua serenidade celestial, tõem vencido todos os embates e erguido a fronte acima de todos os destroços!

E' que não é humana a força que os sustenta, nem terrena a luz que os guia!

Atravez das tormentas sociaes e das confusões dos povos, entre os clamôres sediciosos dos rebeldes e a celeuma das paixões desenfreadas, sempre se tem ouvido um murmurio de vozes supplicando com filial conlança: *Petro, doce nos!*

E os Vigarios de JESUS CHRISTO, ha quasi vinte seculos, são o centro da sociedade e da historia, os Reis e Paes dos povos, os mantenedores da ordem e defensores da legitima liberdade, os promotores da verdadeira civilização e do genuino progresso, os Mestres da Verdade.

Mas talvez nunca como no nosso seculo se tenha manifestado tam luminosa a divina força do Papado.

A posteridade admirar-se-á d'esta geração que obstinadamente cerra os olhos á luz que d'entre as caligens resalta fulgentissima.

Os primordios do nosso seculo contemplaram o triumpho do Papado inerte contra o colosso que invadira todos os reinos da Europa e dominava o mundo.

Succedendo a uma serie de grandes Papas, os Papas contemporaneos são porventura aquelles que, sob o influxo do Espirito Sancto, tõem mais largamente espalhado a verdade e a luz. As encyclicas de Gregorio XVI e de Pio IX, coroadas pelo Concilio do Vaticano, formam como que pharoes erguidos a illuminarem o seculo presente.

(Continua.)

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a razão

XVIII

Liturgia catholica

(Continuado do n.º anterior)



LITURGIA romana, hoje geralmente accete, e o bellissimo idioma das suas oraões introduziu uma exactidão mais rigorosa e uma uniformidade harmonica no ritual de todas as igrejas; por esta causa o latim é a lingua do catholicismo, idioma que não tanto por suas bellezas litterarias como por um sentimento religioso devia ser estudado por todos os catholicos regularmente illustrados.

A uniformidade liturgica estreita a união das igrejas que celebram o nosso sublime culto com eguaes cerimoniaes, empregando um idioma universal para entender-se em toda a parte.

(1) Ps. CXVIII, 105.

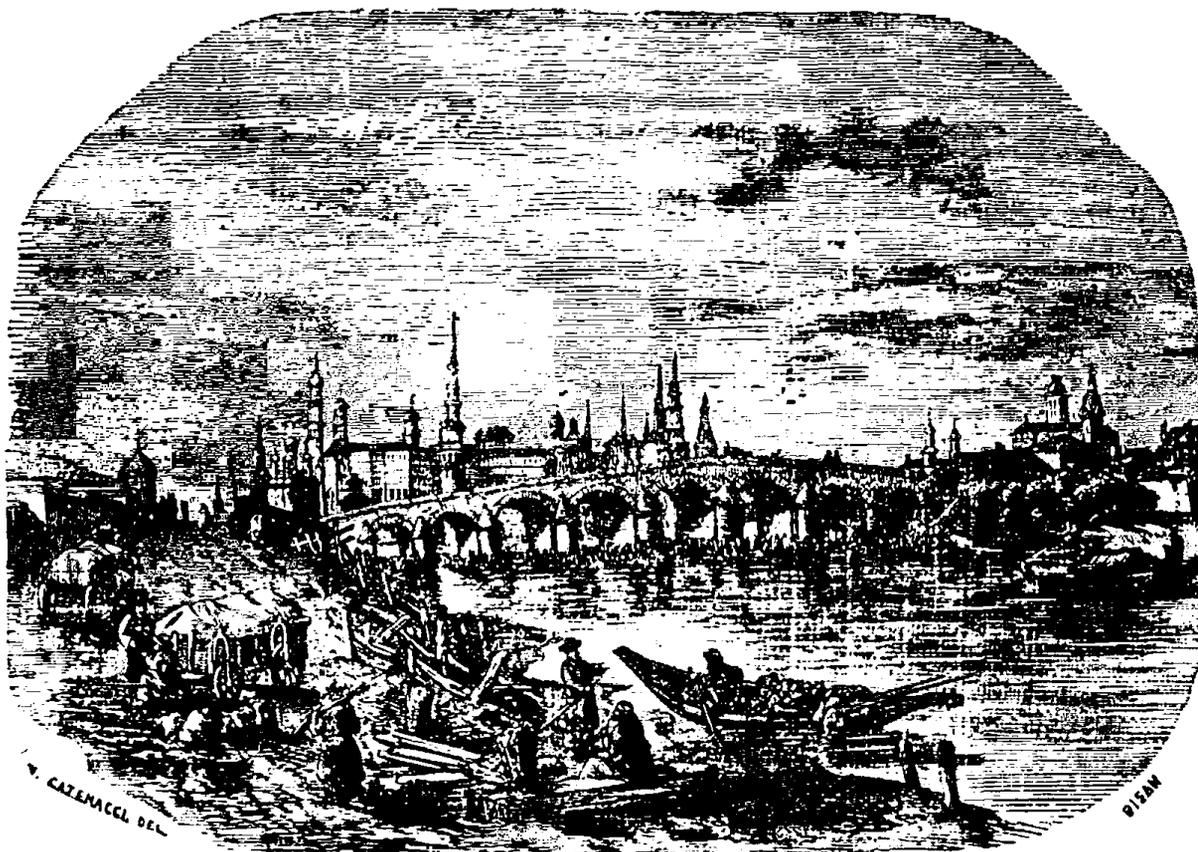
Os povos que habitam os continentes mais remotos da Africa e da Europa, que se estendem por apartadas regiões da America e da Asia, e pelas remotas ilhas da Oceania, conservam a mais ordenada disciplina, por causa da identidade ritual da nossa sancta Igreja catholica, apostolica, Romana, que não é a Igreja particular de Roma, senão a do universo inteiro; e Roma, primeiro que capital dos Estados Pontifi-

trario, porque este sacramento é de instituição divina. Jesus Christo foi o seu fundador, e tão explicitas e terminantes foram as suas palavras, que não podem offerecer a menor duvida.

O divino Mestre concedeu a todos os Apostolos a faculdade de perdoar as culpas quando lhes disse o seguinte: *Em verdade vos digo, que tudo o que vós ligardes sobre a terra, será ligado tambem no céu, e tudo que vós desatar-*

os retiverdes, ser-lhes-hão elles retidos (1). Este poder é tão verdadeiramente extraordinario, que a sabedoria divina não o quiz abandonar ao arbitrio dos homens sem a necessaria regularisação que lhes indique a sentença.

Constituido juiz, o ministro da religião catholica, necessita de saber se o delinquente merece o perdão de Jesus Christo, e se o principio de justiça exige a favor do proximo offendido uma



CIDADE DE MOSCOU, NA RUSSIA

cios, é capital de todos os catholicos, residencia do seu chefe e das primeiras dignidades ecclesiasticas (1).

Antes de concluir este capitulo devemos fazer algumas reflexões sobre a confissão sacramental, tão combatida pelos protestantes. Estes sectarios asseguram que semelhante pratica não se acha exarada na liturgia antiga, nem auctorizada pela tradição dos primeiros seculos.

Não será difficil provar-lhes o con-

des sobre a terra, será desatado tambem no céu (2). A S. Pedro, como chefe da Igreja concedera especialmente a mesma auctoridade dizendo-lhe: *E eu te darei as chaves do reino dos céos* (3).

E' tão grande este poder de atar e desatar conferido aos Apostolos e a seus successores, que não se limita ao poder legislativo e judicial, senão a absolvição dos peccados: perdão que o juiz não pode outorgar por sua propria auctoridade, mas só pela de Jesus Christo, que confirmou em seus Apostolos tão admiraveis faculdades, dizendo-lhes no cenaculo: *Recebei o Espirito Sancto. Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão elles perdoados: e aos que vós*

reparação indispensavel, motivo porque se torna necessaria uma confissão leal e franca das culpas.

Se Jesus Christo não instituisse d'esta forma o sacramento da penitencia, teria abandonado a fragilidade humana o poder extraordinario concedido a seus ministros, porque sendo occultos a maior parte dos peccados, necessario se torna ao confessor um conhecimento exacto d'elles para julgar se nos impetraveis sentimentos d'aquelle coração extraviado existem condições que mereçam o perdão divino; o que é impossivel sem a declaração explicita do peccador, que n'este acto mostra o seu arrependimento e um proposito firme

(1) A' abertura do Concilio do Vaticano assistiram, além dos prelados europeus, 83 bispos da Asia, 14 da Africa, 113 da America e 18 da Oceania; prova evidente de que o catholicismo se acha espalhado por toda a terra, e não deve esquecer-se que a maior parte d'essas igrejas adoptaram o ritual latino.

(1) S. Math., cap. XVIII, vers. 18.

(2) S. Math., cap. XVI, v. 19.

(3) Quorum remisistis peccata remittuntur eis: et quorum retinueritis retenta sunt.— S. João, cap. XX, vers. 23.

de emendar-se, revelando voluntariamente os delictos commettidos, e promettendo satisfações a Deus e reparação ao proximo prejudicado com as suas faltas.

E' innegavel a antiguidade da confissão, pois nas actas apostolicas diz-se que muitos fieis declaravam as suas faltas (1). S. João Evangelista escreve que o Senhor perdoa os peccados ao que se confessa d'elles (2), e o apóstolo S. Thiago aconselha a confissão frequente (3). Offerecem-nos clara recordação d'este sacramento as cartas de S. Bernabé e de S. Clemente (4), que no seculo I escreviam estas palavras: *Convertamo-nos, porque quando sairmos d'este mundo já não poderemos confessar-nos nem fazer penitencia.* Temos eguaes testemunhos de S. Ireneu no segundo seculo (5), e de Tertulliano, Origenes e S. Cypriano no terceiro (6).

Foram condemnados os erros de Montano e de Novaciano, que negavam á Egreja a faculdade de perdoar as culpas graves; e diz Lactancio que pela confissão e penitencia se curam as enfermidades da nossa alma (7).

Os referidos auctores pertencem aos quatro primeiros seculos da Egreja, e a sua auctoridade mostra o indubitavel uso d'este sacramento nos tempos apostolicos.

Nos seculos seguintes floresceram outros escriptores, cujas obras fazem repetida menção da confissão que praticavam os christãos dos tempos primitivos, como hoje se pratica, ou antes provavelmente como maior fervor e devoção.

Limitamo-nos a citar auctores d'aquelles seculos primitivos da Egreja, cuja auctoridade a seita protestante reconheceu, não nos demorando mais sobre este assumpto, que é um facto historico evidentemente consignado nos annaes ecclesiasticos, em um sem numero de actas de martyrios e de biographias de sanctos confessores.

Duvidas e vacillação, interminaveis disputas e repetidas contradicções, eis os caracteres da seita protestante: ella impugna este sacramento, confessando a authenticidade da Egreja primitiva, da Egreja que reconheceu a instituição divina da confissão, da Egreja que condemnou energicamente as heresias suscitadas contra este dogma; e as penitencias publicas que n'aquelle tempo se

usavam, provam tambem, não menos evidentemente, a frequente pratica da confissão auricular.

(Continua)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

O VERDADEIRO AUCTOR

DA

IMITAÇÃO DE CHRISTO.

ESSE livro d'ouro, que se lê em todas as linguas cultas, que se encontra em todas as bibliothecas; esse livro o mais bello, que tem saído das mãos dos homens; esse livro, que parece mais obra da inspiração do Ceu, do que do genio do homem; esse livro, o primeiro depois da Biblia; esse livro admiravel e quasi divino, cuja leitura é um balsamo de consolação para os tristes e afflictos, anima os que desesperam, move os peccadores ao arrependimento, afervora e incita os justos á perseverança e perfeição, e tem convertido homens notaveis; esse livro, que tem sido, e será sempre a admiração dos sabios,—a IMITAÇÃO DE CHRISTO é geralmente attribuida á penna de Thomaz de Kempis, e alguns a attribuem ao genio de Gerson, e outros ao de S. Bernardo.

Porém, o cavalheiro G. de Grégory parece ter conseguido resolver definitivamente a questão do verdadeiro auctor da Imitação de Jesus Christo, em um curioso e interessante trabalho publicado, ha poucos annos.

Eis o resumo. (1)

«O tractado da *Imitação* foi composto por um monge benedictino, e meditado sobre a regra benedictina.

«Com effeito, as palavras — *monge, bom noviço, cenobita, prelado*, e outras, que, n'elle, se encontram tantas vezes repetidas, eram os nomes proprios da regra de S. Bento. No capitulo XIII do primeiro livro, o auctor começa por estabelecer, como principio, que não ha nenhuma ordem religiosa tão sancta, nem lugar nenhum tão solitario, onde não haja tentações e trabalhos. Ha um capitulo intitulado: *Da vida monastica*; outro: *Dos exercicios d'um bom religioso*. Estas indicações não provam evidentemente que o auctor era monge, e que escrevia para monges?

«Vê-se até que, quando elle escreveu seu livro, já tinha abraçado a vida monastica, havia muitos annos. Se, cada anno, diz elle, desarraigamos um só vicio, em pouco tempo nos tornaremos

perfeitos; mas nós, pelo contrario, notamos muitas vezes que eramos melhores e mais puros no principio de nossa conversão, do que, depois de muitos annos de profissão.»

«Uma prova assás curiosa de que o auctor da *Imitação* não é Francez, mas Italiano, se encontra na passagem seguinte do quarto livro, capitulo: *Da dignidade do Sacramento e do Estado Sacerdotal: O padre, revestido dos habitos sagrados, occupa o lugar do Christo... Elle leva no peito e nas costas a cruz do Senhor... Leva a cruz no peito sobre a casula... Nas costas é marcado da cruz... Segundo estas palavras, vê-se que, no paiz do auctor, o padre, revestido dos habitos sacerdotaes, levava a cruz no peito sobre a casula. Ora, este uso não existio, nem existe em França, mas muito na Italia. As casulas francezas só tem cruz sôbre as costas.»*

«Agora, em que seculo foi composto este tractado, e qual é o nome do auctor?»

«No seculo XIII, Verceil teve por bispo o beato Alberto, que foi depois patriarcha de Jerusalem, e que é o auctor d'uma regra para os religiosos do Monte Carmelo. Ora, em sua familia, que subsiste ainda na Italia, se conservou um jornal manuscripto, que começa a 7 de março de 1345 e acaba a 12 de julho de 1350. O auctor do jornal é José de Advocatis. No anno de 1349, diz elle: — *A 15 de fevereiro, dia de domingo, depois da partilha feita com meu irmão Vicente, que habita em Cêsene, eu, em signal d'amor fraternal, dothe o precioso codigo da IMITAÇÃO DE JESUS CHRISTO, que meus antepassados possuem desde muito tempo; porque*

E', pois, certo que, desde o anno de 1349, já existia desde longos annos, por transmissão hereditaria, na familia de Advocatis, hoje *Avogadro*, um exemplar da *Imitação de Jesus Christo*.

Em 1830, na revolução dos tres dias, acharam, em casa d'um livreiro de Paris, este precioso manuscripto, tendo a assignatura de muitos membros da familia de Advocatis, aos quaes tem successivamente pertencido. Examinado pelos mais habéis peritos, foi reconhecido que a letra é do seculo XIII, ou, quando muito, dos primeiros annos do seculo XIV. Alem d'isto, caracteres, junctos á margem, indicam que é uma copia feita sobre um exemplar ainda mais antigo, o que nos leva naturalmente para o meio do seculo XIII. Esta copia, achada em 1830, está depositada nos archivos da egreja metropolitana de Verceil.»

«Mas, em fim, qual é o verdadeiro auctor do livro da *Imitação*? Em ultimo resultado, o verdadeiro auctor é João

(1) Cap. XIX, vers. 18.

(2) Epist. I, cap. I, vers. 9.

(3) Epist., asp. V, vers. 16.

(4) S. Bern., cap. XIX; S. Clem., epist. II, cap. VIII.

(5) *Adv. haer.*, cap. IX.

(6) Tert., *De poen.*, cap. VIII; Orig., *Hom.* 2, psul. 37, vers. 19; S. Cyp. *De Cap.*, p. 190 e 191.

(7) *Inst.*, cap. XXX.

(1) *L'Enseignement Catholique*, vol. 5.º pag. 722.

Gersen, que nasceu em Cabanaco, hoje Cavaglia, pelo fim do seculo XII, e abade benedictino do antigo mosteiro de S. Estevão, em Verceil, desde o anno de 1220 a 1240. Seu verdadeiro nome é provado por seis dos mais antigos manuscritos, que o tem, quer todo por extenso, quer em abreviatura. O manuscrito encontrado na cidade d'Aronne, (1) e cuja letra remonta, pelo menos, ao seculo XIV, e que é o mais antigo depois do de Advocatis, tem por extenso no principio de cada livro:—*Aqui começa o indice dos livros primeiro, segundo, terceiro, quarto, do abade João Gersen;* e no fim do quarto:—*Aqui acaba o livro quarto e ultimo do abade João Gersen, acerca do sacramento do altar.* De mais, a existencia d'este piedoso personagem é tambem attestada por muitos historiadores do paiz. Encontra-se o nome de Gersen em muitos antigos documentos da villa de Cabanaco ou Cavaglia. Segundo uma tradição popular e constante, elle é tido como veneravel e sancto. Perto de Verceil existem ainda os descendentes de uma colonia d'emigrados allemães, que fallam a lingua tedesca. É muito possivel que João Gersen fosse descendente d'elles, como seu nome parece indicá-lo.

Parece ter conhecido o mundo antes de o abandonar; como se vê no capitulo, que tem por inscripção:—*Como é aprasivel servir a Deus depois de ter abandonado o mundo.* Foi mestre de noviços; depois abade do mosteiro benedictino; e como tal, era um dos tres representantes da republica vercelhesa. É por isso que, n'outro capitulo da *Imitação*, se pôde vêr uma prova de que o auctor foi chamado ás conferencias mais importantes; por exemplo, o que tem por titulo:—*Que devemos evitar as palavras superfluas.*

S. Francisco d'Assis foi a Verceil no anno de 1215, para fundar alli um convento. O auctor da *Imitação* pôde conhecê-lo pessoalmente: falla d'elle em seu livro. Depois de ter citado uma de suas maximas, diz, conforme um antigo manuscrito: *Assim falla o humilde Francisco;* segundo outro: *Assim falla S. Francisco;* nas edições ordinarias posseram: *Assim falla o humilde S. Francisco.* Como o sancto homem morreu em 1228, e foi canonisado vinte mezes depois, é possivel que Gersen, que dictava então seu tractado de moral, dissesse primeiro: *Assim falla o humilde Francisco;* e depois de sua canonisação: *Assim falla S. Francisco.* Por essa epocha, tambem S. Antonio de Padua, tão afamado por sua eloquencia maravilhosa, foi estudar theologia em Verceil. É

(1) Foi n'esta mesma cidade, que nasceu S. Carlos Borromeo.

provavel que é d'elle que falla pelo fim do capitulo seguinte: *Contra a vã e secular sciencia.*

«Dirão talvez: Se o abade João Gersen é o verdadeiro auctor do tractado admiravel da *Imitação*, como é possivel que se tenha ignorado tão longo tempo? É que o auctor praticava sinceramente o que ensina em todo o seu livro, principalmente no capitulo tão conhecido: *Dos humildes sentimentos, que cada um deve ter de si mesmo*, no qual se nota particularmente esta phrase: *Amai o ser ignorados, e reputados por nada.* Eis o que elle diz aos outros, eis o que elle mesmo primeiro pratica, não pondo o seu nome em o seu livro, livro que será a admiração dos seculos. Todavia alguns discipulos o ajuntam, na verdade, ás suas copias, e, algumas vezes, só em abreviatura.»

Não sendo conhecido, d'um modo certo, o nome do auctor, alguns copistas o atribuíram a S. Bernardo, o que é um erro: porque S. Bernardo morreu 20 annos antes do nascimento de S. Francisco d'Assis, de quem este livro falla tão expressamente.»

«Na invenção da imprensa, a *Imitação* foi geralmente attribuida a um co-negro regular de S. Agostinho, Thomaz de Kempis, sobre a auctoridade d'um manuscrito, no fim do qual se lêem estas palavras: *Concluido e acabado no anno do Senhor 1441 pelas mãos de Fr. Thomaz de Kempis.* Mas ha manuscritos da Biblia e do Missal, no fim dos quaes se lêem absolutamente as mesmas palavras, prova evidente de que Thomaz de Kempis não era auctor, mas somente copista d'estes livros. Elle mesmo o declara n'estas palavras:—... *pelas mãos de Fr. Thomaz de Kempis;* nas quaes torna assás patente que não é obra de seu genio, mas só das suas mãos, mas só uma simples copia feita e acabada pelas suas mãos. Alem d'isto, Thomaz nasceu em Kemper, na diocese de Colonia, pelo anno de 1380, e nós já vimos que, desde o anno de 1349, um manuscrito do livro da *Imitação* se transmittia na familia italiana de Advocatis, como um thesouro possuido desde muito tempo.»

«Outros o attribuíram a João Charlier ou Gerson, nascido no mez de dezembro de 1363, o qual, chegando a ser chanceller da Universidade de Paris, tomou parte activissima no negocio do grande schisma do Occidente, assistiu ao Concilio de Constança, refugiou-se na Allemanha pelo anno de 1417, e veio morrer em Lyão em 1429. Suppõe que elle compôz a *Imitação* nos ultimos annos de sua vida, pelo anno de 1420. Mas, ainda uma vez, nós já vimos que, desde 1349, quatorze annos antes do nascimento de João Charlier, chamado Gerson, uma nobre familia d'Italia pos-

suiu desde muitos annos, de pai a filho, um exemplar d'este mesmo livro. Além d'isto, o auctor é evidentemente um monge, escrevendo para monges, e não respirando senão o amor da pobreza, da humildade, da paz e da solidão; em quanto Gerson nunca foi monge, nunca deixou o mundo, nunca renunciou ás suas honras e riquezas, para viver na tranquillidade e solidão, arre-messando-se, pelo contrario, ao meio dos negocios mais importantes, e desenvolvendo uma actividade e denodo pouco communs. O que pôde dar lugar a este engano, é que, em alguns manuscritos, em lugar do nome completo de Gersen, só se lêem as primeiras letras Ger. ou Gers.; pelo que alguns, não conhecendo o humilde e verdadeiro auctor, formaram o nome mais conhecido de Gerson.»

Taes são, em resumo, as rasões principaes, que provam, com evidencia, que João Gersen, abade benedictino do mosteiro de S. Estevão de Verceil, é

O VERDADEIRO AUCTOR
DA IMITAÇÃO DE CHRISTO.

V.

SECÇÃO CRITICA

Coisitas

(AO CORRER DA PENNA)

s nossos trabalhos domesticos e alguns incommodos de saude tem obstado a que possamos continuar na tarefa, de enviar para esta Revista estas coisitas, que tratam de assumptos variados e segundo vão occorrendo á nossa mente.

Com essa falta tem lucrado os leitores, porque as columnas, que estas coisitas poderiam preencher, ficam e tem sido occupadas por escriptos mais interessantes e muito mais elegantemente rigididos.

Nós bem o reconhecemos. Mas não está mais na nossa mão. Não nos pode socegar o animo ao receber certas noticias e ao lermos certas coisitas, que nos impressionam e que nos levam a fazer-lhes alguns commentarios, em estylo familiar e mais ou menos alegre, posto que sem pretensões a engraçado.

Tenham, pois, paciencia o proprietario e leitores do *Progresso Catholico*. Vão aturando mais um pouco d'estas *semsaborias*, athe que alguém nos diga:—*Basta.*

* * *

Nós temos pouco vagar para ler. No entanto, para nos distrairmos e por que sempre gostamos de ir adquirindo um pouco de instrucção, vamos lendo al-

guns livros, que nos tem sido emprestados por um nosso visinho, homem muito dado ás letras, mas que a respeito de politica nada quer saber.

E faz elle muito bem.

Está, como nós, desenganado de que, dos nossos governantes, taes são uns como os outros e que todos elles ou quasi todos aspiram ao poder unicamente para se arranjam e despacharem os seus parentes e amigos e pagarem alguns serviços eleitoraes.

Está, como nós, convencido, de que elles só se servem do povo para treparem e que depois o espezinham e desprezam; que lhe fazem festa na occasião das luctas eleitoraes e que depois tratam só dos interesses d'elles com prejuizo do mesmo povo; e que todos elles não *querem* saber da igreja *nem* a procuram, senão em occasião de eleições, para fazerem dos templos pateo de comedias eleitoraes, praça de commercio de votos e arraial, onde ás vezes se canta o *lundum chorado*, acompanhado a bombo nas costas dos electores e obrigado a cacete.

O tal nosso visinho gastou em tempo *bem bons arames*, para servir os *amigos* (de Peniche) nas luctas eleitoraes.

Com isso arruinou a sua casa e depois desenganou-se e só trata de administrar o pouquissimo, que lhe deixaram os *taes amigos*. Estes quando o viram diminuir as suas franquezas e apertar os cordões á bolsa, que já estava quasi thísica e tão rachitica como um habitante da Groenlandia, viraram-lhe as costas e hoje nem o chapéu lhe tiram.

Eis os fructos da tal politica e o resultado de elle se fiar em certos *tranquiberveiros*, que lhe prometiam bons empregos para elle, para os filhos e para alguns parentes.

O que foi pena foi elle desenganar-se tão tarde e não ter tomado os nossos conselhos, senão depois de ter levado muito pontapé dos taes amigos politicos!

E o caso é, que, se elle não os deixara, mesmo quando os deixou, nem para um caldo de couves hoje teria.

No entanto, com as suas economias, tem-se ressarcido de uma grande parte do que os politicos lhe chucharam e vai vivendo menos mal e comprando algum livrinho para entreter-se.

* * *

Ha dias nos emprestou elle uma obra intitulada=Portugal na Epocha de D. João V, por Manuel Bernardes Branco. =A obra é bem impressa, em bom typo e optimo papel. O formato é comodo para ler-se mesmo depois de estarmos metidos no *Vale de lenções*.

Gostamos do livro e tanto, que a lemos duas ou tres vezes e achamos, que

o auctor devia revolver muito *alfarrabio*, muito *cartapacio* e muita *papelada* para escrever tal obra, que revella muita erudição e paciencia.

O auctor elogia muito D. João V pela protecção, que este monarcha deu ás sciencias e ás letras, mas isto depois de ter dicto em muitos capitulos, que, no reinado d'aquelle monarcha, havia muito fanatismo; que se gastava muito tempo e muito dinheiro com festas sumptuosas e edificação de igrejas e conventos; que n'estes reinava a demoralização e a hypocrisia; que o rei tinha n'um d'elles uma freira, que era sua anasia, e assim por deante.

Creemos, que tudo seja verdade, e não nos admira, porque em todas as epochas houve exagerações, abusos e desperdícios.

* * *

No entanto, parece-nos, que o auctor teve menos em vista escrever historia e instruir n'ella os seus leitores, do que desacreditar os institutos religiosos!

E, para provar isso, basta o que elle diz nas paginas 103 e 104, fallando de algumas donzellas, que deixavam as familias, para irem professar nos conventos ou n'elles estarem recolhidas.

Diz, pois, o auctor n'aquellas paginas:

«Coisa vulgarissima era então as filhas, aconselhadas e dirigidas pelos confessores, fugirem de casa de seus decrepitos pais, para se encerrarem dentro de um convento. A isto chamarei eu uma feia ingratidão e ingratidão posta em pratica ha poucos annos em Aveiro por duas parentas do celebre José Estevam Coelho de Magalhães. Ingratidão levada ao requinte!

Assim se pagam tantas lagrimas, tantas ancias, tantas sollicitudes! Desamparar quem nos deu o ser, para só cuidarmos dos extranhos!»

.....
Quem ler isto, ha de pensar, que tudo é verdade!

E assim se escreve a historia!

Se o livro do Snr. Bernardes Branco fôr lido d'aqui a um seculo, (o que não admira, pois é muito digno de ler-se), ha de passar como verdade incontestavel o que não deve passar sem algum reparo.

E, com a devida venia, sem querer-mos offender aquelle escriptor, vamos dizer o que se passou com o facto, a que elle se refere, pois para isso estamos habilitados, por informações mais fidedignas, do que as de que o mesmo Snr. Bernardes Branco lançou mão para escrever aquelles periodos, o que não será difficil de descobrir.

* * *

O facto passou-se da seguinte forma: Em fins de 1869 saíram do convento da Madre de Deus, d'Aveiro, algumas recolhidas, que tiveram o proposito de irem professar em Calet (França) n'um instituto de irmãs de caridade da ordem franciscana.

Para isso dirigiram-se, no comboyo a Lisboa, d'onde seguiram para a França.

Levantou-se com isso grande celeuma no paiz e fez-se d'isso um *grande cavallo de batalha* contra a *reacção, beaterio, hypocrisia*, e outras coisas feias.

Esse facto foi um dos pretextos para, em 1885, acabar o convento da Madre de Deus, mais conhecido por o convento de Sá=em razão de assim ser chamado o local ou bairro, em que estava construido, e onde agora se está construindo um quartel militar.

Com essas recolhidas, tambem foi uma sobrinha de José Estevam.

Chamava-se Augusta ou Maria Augusta. Era filha natural de Antonio Augusto Coelho de Magalhães, mas nunca o pai a reconheceu judicialmente. Estivera em creança n'aquelle convento, d'onde saiu para caza da mãe.

Passados annos e quando aquella senhora estava quasi mulher, o pai, que estava empregado em Lisboa, foi buscá-la a Aveiro, para onde foi obrigada a voltar de novo em 1862, recolhendo-se no mesmo convento de Sá, do qual saiu, como dissemos, em 1869.

Foram puramente de familia os motivos, porque, em 1862, voltou áquelle convento a filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

Ha quem affirme que o pai e a madrastra lhe estorvaram dois casamentos, um por conveniencia d'elles, outro por que entenderam que tal união não convinha á filha.

(Continua)

Um catholico.

SECÇÃO LITTERARIA

O Dia de Finados

N'este dia todo lugubre juncto da cruz ajoelhados, por os que estão sepultados oremos com devoção!

A santa Igreja convida-nos a entrarmos hoje no templo! Nas suas preces exemplo dá hoje a todo o christão!

Hoje muitos vertem lagrimas por que recordam o dia d'aquella triste agonia dos que a morte arrebatou. Por elles humildes supplicas ao ceu elevar devemos!

—Hoje todos recordemos quem na vida nos presou!—

Aquelle som melancolico dos sinos, que estão dobrando, aos christãos está lembrando, que hoje é dia de oração! Os psalmos, os tristes canticos, a eça, a cruz basteada, tudo nos diz: «Vós sois nada!» Tudo inspira devoção! . .

Oremos, irmãos, lembrando-nos, que um dia, (talvez em breve)! alguém por nós orar deve, como nós vamos orar! Esta vida é transitoria! E' de prantos um deserto! Que a eternidade está perto sempre nos deve lembrar!

Aqui vê-se, triste e palida, orando uma esposa terna anhelando a vida eterna ao que fôra esposo seu! —Alem um filho ternissimo pelos paes está orando! —Acolá, um pae chorando pelos filhos, que perdeu!

Vê-se alem, perto d'um tumulto, inclinada como a rosa, uma donzella chorosa, supplicando pelo irmão! Por uma irmã dilectissima verte um irmão triste pranto e aos ceus eleva no emtanto uma fervente oração!!

A santa Igreja recorda-nos esse tristissimo dia de prantos, dor e agonia, de confusão e de horror, em que um som, terrivel, horrido, removendo as sepulturas chamará as creaturas á presença do Senhor!!

Os peccados perdoando-nos mostra, ó Deus, tua bondade. E os erros da mocidade nos perdôa, ó hom Jesus! N'aquelle dia recorda-te, que ao mundo por nós desceste e que por todos morreste no duro lenho da cruz!

Rangel de Quadros.

O Clero e a sciencia

(A João Ignacio d'Araujo Lima)

Em todos os tempos a Igreja catholica tem sido calumniada, e o seu clero grandemente diffamado, com o affrontoso epitheto de ignorante. Haverá razão para este modo de proceder? Não ha. Vejamos:

Para, a uma certa classe de individuos, se poder devidamente impor um epitheto, é preciso que os seus actos

manifestem peremptoriamente o que serviu de base a esse epitheto. Mas, dar-se-hão esses actos na parte que toca ao clero? Com certeza que não; porque, para lhe ter cabida o epitheto supra, era necessario que elle desprezasse o cultivo do campo scientifico; ora, n'este campo, é onde elle mais tem brilhado; portanto o termo ignorante, applicado ao clero, é falso, e producto, sem duvida, de inimigos encarniçados, e que mais teem em vista o desprestigio do mesmo clero, do que o amor á verdade.

E senão, digam-nos: Não teem scintillado, no firmamento da Igreja catholica, soes luminosos como um Bossuet, um Bourdalou, um Fenelon, um Massillon, um Antonio Vieira, um Raphael Bluteau, um Bernardes, um Silveira Malhão e tantos outros?

E na poesia, não se destacaram sempre sobranceiros a esses poetas ronceiros, que tanto abundaram, e ainda hoje abundam, um frei Agostinho da Cruz, um fr. Jeronimo Bahia, um fr. Antonio das Chagas, um fr. Bernardo de Brito, um José Agostinho de Macedo, um Antonio Pereira de S. Caldas, um Fylinto Elisio, um Domingos Caldas Barbosa, um Calderon de La Barca?

De nada servirão tambem os trabalhos arrojadissimos, no vasto terreno das sciencias naturaes, d'um frei Thomaz da Camara, d'um Monsabré, d'um Lecomte, d'um Barruel e d'um conego D. Caetano de Santo Antonio?

E poder-se-hão dizer ignorantes aquelles, que se dedicaram d'alma e corpo, ao estudo aprofundado da linguistica, como foram o cardeal Mezzofanti, que sabia 40 linguas e varios dialectos, o jesuita Hervas, que colleccionou 300 linguas e 40 grammaticas, fr. Paulino de S. Bartholomeu, que formou a primeira grammatica sanskrita, o cardeal Wiseman, o abbade Hir, etc.?

Mas, se n'estes estudos se tornaram immortaes muitos membros do clero, não menos exigem o nosso respeito e admiração: Na physica e chimica, um Theodoro d'Almeida, com a sua «Recreação Philosophica», um abbade Haig, um abbade Nollet, um Grimaldi, um Bartholomeu de Gusmão, portuguez, e o primeiro inventor dos acrostatos, etc.

Na geographia, um José Thefenthaler. Na musica, um fr. Estevão de Christo, um D. Francisco Castelhana, um fr. José Marques, um abbade Costa, um José Mauricio Garcia, um fr. Domingos de Santa Anna, todos portuguezes.

Na historia patria, um D. fr. Marcos de Lisboa, um Raphael de Jesus, um Jacintho Freire d'Andrade, um fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, um Barbosa Macedo, um Caetano do Amaral, um fr. Francisco de S. Luiz.

Na historia das outras nações, um cardeal Retz, um Bossuet, um Muratori, um Tiraboschi, um Palavicino. Na astronomia, um Sechi e um Moigno.

A' vista d'isto, em presença d'estes nomes de clerigos, que tanto resplandeceram na Igreja catholica, e que, d'uma maneira tão nobre, illustraram as litteraturas dos diversos povos, terá fundamento o epitheto de ignorante, com que os pseudo sabios teem brindado, e continuam brindando, o clero? Que o digam o bom senso e o juizo imparcial de cada um.

João Chrysostomo Rodrigues de Faria.

SECÇÃO ILLUSTRADA

II

Um religioso do Monte S. Bernardo

MELHOR descripção que podemos fazer da segunda gravura do passado numero, é transcrever para aqui d'um livro notavel, escripto ha mais de trinta annos, por um liberal, em prol das Ordens religiosas. Chamava-se Pedro Diniz, o auctor do livro, e não sabemos se ainda vive; o que sabemos é que o seu escripto é insuspeito na materia.

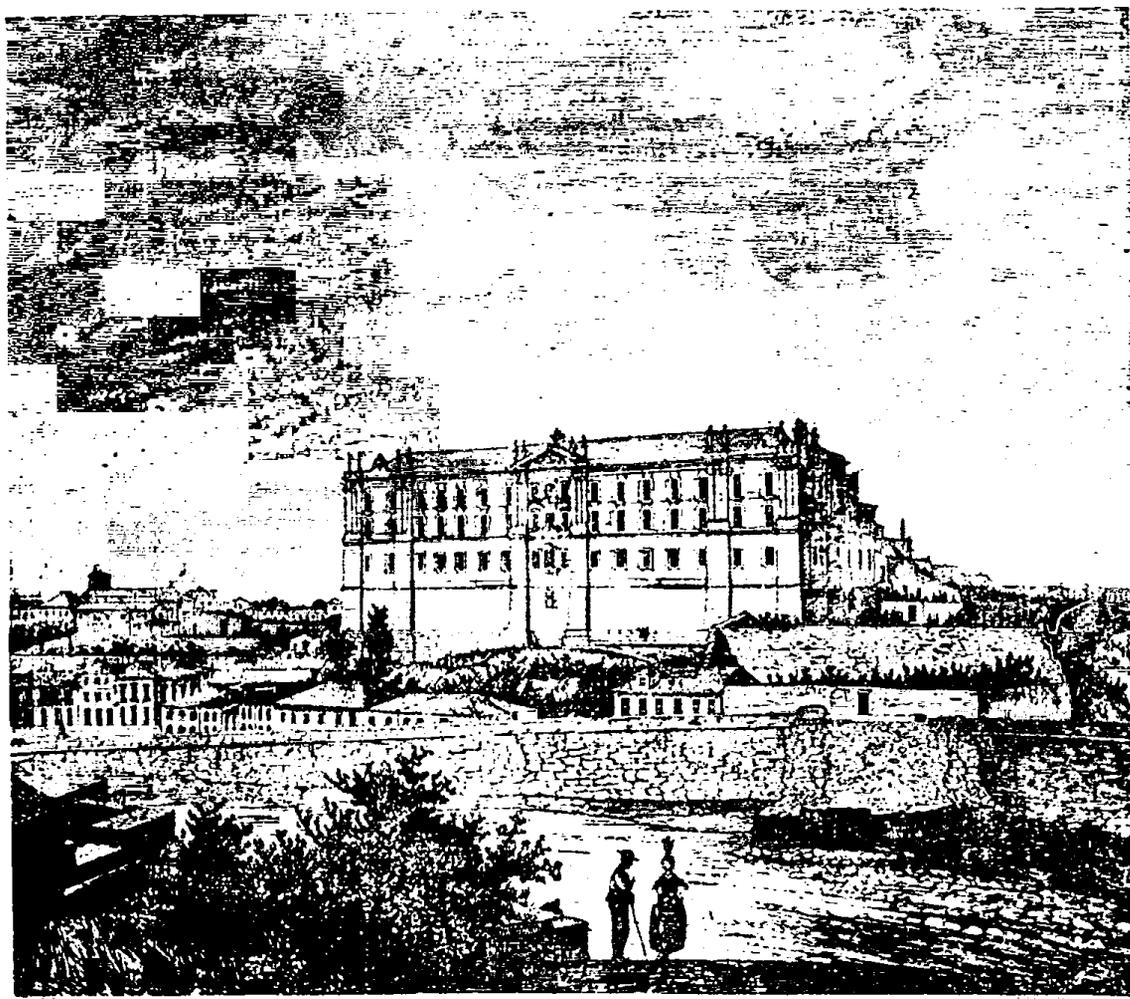
Medite-se lendo:

«Vae um caminhante pelo monte S. Bernardo, e a neve começa a cahir impetuosamente; o solo é escorregadio; anoitece; grandes massas de gelo se destacam e vem rolando pelos precipicios, com um estrondo medonho. O viandante perdeu já o caminho; não sabe se se aproxima, ou se afasta do sitio que procura; sente-se entorpecido pelo frio; e a final cae, quasi sem vida. De repente ouve um latido, e sente ao pé do rosto um animal farejando; parece-lhe que os lobos o vão despedaçar, e nem para resistir já tem forças; re-passado de medo entreabre os olhos, e vê a seu lado um cão, e um velho, de barba tão alva, como a neve da montanha; esse velho está de joelhos ao pé do forasteiro; apalpa-lhe o peito, para vêr se o coração ainda bate; e movendo os beiços, parece enviar ao Ceo uma supplica.

«O inanimado estrangeiro julga que o assaltou o delirio. A veneravel figura do ancião parece-lhe uma d'aquellas aparições celestes, que visitam ás vezes á cabeceira do moribundo. Torna a fechar os olhos, e não dá mais accordo de si.

«No entanto, o velho, ajudado por um companheiro, faz uma padiola, e

ambos se encaminham para o convento, levando ás costas o viajante semi-funado. Quando este abre os olhos de novo, tornado em si pelo calor de fogueira benéfica, vê-se rodeado de figuras semelhantes á que lhe appareceu na montanha. Então já não crê delirar; é realidade o que se lhe patentêa. Admirado, pergunta onde está, e quem são esses homens que o cercam, e que lanha, para disputar victimas á morte; contempla esses anachoretas da neve, que buscam o sitio mais ermo e desabrido, para serem uteis aos outros homens; maravilha-se de que haja ainda tanta virtude na terra; e crê emfim que só a Religião podia fundar estes hospícios, onde um caminhante desconhecido encontra pousada e amigos. Então a palavra *frade* perde a sua fealdade, que lhe restituiram a vida. Sobre uma imminencia vê o cão, que o salvara, e que parece contente de haver praticado uma boa acção. O estrangeiro, enternecido, agita o lenço, para lhe dizer adeus; e comparando os brutos com os homens, nota a grande differença, que existe entre os cães do monte S. Bernardo, e alguns progressistas de Portugal—cá, os homens guerreando os



CONVENTO DE SANTA CLARA, EM VILLA DO CONDE

tão solícitos se mostram em lhe fazer recobrar o animo.

—Somos frades, respondeu uma voz.

«No entanto um frade lhe traz um caldo, para lhe restaurar as forças; outro lhe prepara uma cama; outro esperta o lume, para o aquecer; outro parece querer sondar-lhe os desejos; e nenhum lhe pergunta quem é, d'onde vem, nem para onde vae.

«A' vista de tanto amor, o forasteiro sente-se commovido, lembra-se de que se perdeu no gelo, e que se os frades não trouxessem ao convento, estaria talvez ás portas da eternidade; lembra-se do ancião, que andava na mon-

e o viajante dos Alpes abraça os seus hospedeiros, e lhes dá o nome de anjos.

«Recolhidos aos seus aposentos, antes de romper o dia, ouve-se correr uma campã; os religiosos acodem em chusma ao côro, e o hospede os escuta, e vê que é tambem por elle que as orações sobem ao Ceo. Penetrado de respeito e de gratidão, despede-se dos bons frades, que o acompanham até á portaria, chamando-lhe sempre irmão; e prosegue a sua jornada, guiado pela luz do sol, e protegido pelas benções dos monges, que o não conheciam. A meio caminho, volta os olhos atraz, para contemplar, pela ultima vez, as paredes

frades, como cães; lá, os cães ajudando os frades, como homens.»

Não é necessario mais nada. Sem pôr nada de casa, está feita a descripção da gravura e dito o que são os frades do monte S. Bernardo.

III

Como se viaja na Russia

A terceira gravura do passado n.º nem carece de descripção. Comprehende-se perfeitamente o gravado. Uma especie de carro, sem rodas, tirado por

um cavallo, deslisando pela neve, o cavallo fugindo dos animaes famintos, e dentro os viajantes, envoltos em pelles, descuidados dos perigos. E mais nada.

IV

Cidade de Moscou

Com uma população de perto de 400 mil habitantes tem o vasto imperio da Russia a sua segunda cidade nas margens do Moskova. Fundada em 1147 pelo principe Dolgoronki, tem tido diversas phases, sendo hoje uma cidade importante com magnificos templos, universidade fundada em 1755 e frequentada por mais de 2:000 estudantes, gymnasios, collegios, bibliothecas, museus, varias academias e perto de 50 hospitaes e mais de 60 asylos para pobres!

Poderiamos mencionar muitos dos seus edificios publicos; não o fazemos, para não sermos fastidiosos.

Moscou, passou, como dissemos, por muitas phases, sendo completamente destruida em 1176; foi sitiada e tomada em 1369 pelo chefe dos lithuanios, em 1400 por Jedogei, pelos tartaros em 1451, por Otreprof em 1605 e finalmente por Napoleão I em 1812.

E' uma cidade formosa, como a nossa gravura, primeira do presente n.º, mostra claramente.

A descripção das duas restantes gravuras no proximo n.º

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



DEIXOU a terra a alma d'um nosso leitor e amigo, o R.º Prior d'Almagem do Bispo e Vigario da Vara em Cintra, Francisco d'Assis Correa.

Foi riscado tambem do numero dos vivos e dos nossos leitores o Ex.º Sr. Miguel Faria, de Villa Nova de Gaya.

A todos os nossos leitores e amigos, pedimos uma prece pelas almas d'estes nossos irmãos, para que o Senhor lhes dê a eterna gloria, e ás familias doridas enviamos sentidos pesames.

Estão enlutados os nossos bons amigos e propagandistas do «Progresso Catholico», Ex.º Sr. Victoriano José Guerreiro das Almas, pelo fallecimento

de sua esposa estremecida; e o Ex.º Sr. Francisco Guerreiro Pereira, que chora a morte de sua carinhosa mãe.

Acompanhando em suas dores estes nossos amigos, imploramos as orações de todos como suffragios pelas almas das fallecidas senhoras.

RETROSPECTO DA QUINZENA

QUANDO o presente numero estiver a entrar na machina, deve ter chegado a esta cidade o Ex.º e Rv.º Sr. Arcebispo Primaz, D. Antonio José de Freitas Honorato. S. Ex.ª Rv.ª, chegará aqui no dia 12, quando não pudermos dizer nada de tão fausto acontecimento; mas no proximo numero, querendo Deus, fallaremos detidamente da entrada e estada n'esta cidade do venerando Prelado, que pela vez primeira vem visitar a segunda cidade da Archidiocese, que tão sabiamente dirige.

Dever é nosso archivar aqui o officio que S. Em.ª Rv.ª o Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, fez enviar á Sociedade de Geographia, em resposta ao pedido que a mesma lhe fizera, para assistir e presidir ás exequias em honra do mação Antonio Augusto d'Aguiar. E' um precioso documento, que manifesta o quanto S. Em.ª presa as leis da Igreja.

Eil-o:

«Ill.º e ex.º snr.—Só agora posso accusar o convite de v. ex.ª em seu nome e de toda a sociedade de geographia, feito para eu ir celebrar missa de requiem em umas exequias solemnes que a mesma illustrada sociedade deseja fazer pelo seu defuncto presidente, Antonio Augusto de Aguiar. Sinto do coração não poder satisfazer ao pedido da sociedade de geographia, que de bom grado me achará ao seu serviço sempre que em boa consciencia algum lhe possa prestar, mas foi por tal forma confirmado nos funeraes de Antonio Augusto de Aguiar que elle era grão-mestre da maçonaria do Grande Oriente Lusitano, e tão profundo tem sido o desgosto dos que se presam de catholicos pelas publicas manifestações que então se fizeram, que não só não posso hoje auctorisar com a minha presença um novo escandalo, mas ainda me vejo forçado a prohibil-o a qualquer sacerdote, protestando assim contra o desacato commetido contra as leis da Igreja e a religião do estado. Estava então eu fóra de Lisboa, e por isso não pude tomar conhecimento das cousas, de modo a providencial-as a tempo.

«E' a sociedade de geographia assaz

intelligente para comprehender que outro não póde ser o procedimento de um prelado, e agora que conhece o motivo da minha recusa, não sómente saberá desculpá-la mas ainda lhe faço a justiça de que se conformará com o meu modo de ver as cousas, renunciando á ideia de fazer celebrar novos suffragios publicos, de que resultarão novos escandalos, e aos quaes nenhum sacerdote se deve prestar, bastando que privadamente se ore pelo finado, pois que se não sabe o que se passaria na sua alma n'aquelle momento supremo de partir para o seu Creador a dar-lhe contas da sua vida. D. g. v. ex.ª Paço de S. Vicente, 26 de setembro de 1887.

«Ill.º e ex.º snr. presidente da sociedade de geographia de Lisboa, J. Cardeal Patriarcha.»

O Ex.º e Rv.º Sr. Arcebispo Primaz, distribuiu no dia 16 de outubro, festejando o seu anniversario natalicio, as seguintes esmolos:

«Pelos pobres da freguezia de S. Victor, 18\$000; da freguezia de S. José de S. Lazaro, 18\$000; da freguezia de S. Pedro de Maximinos, 18\$000; da freguezia da Sé, 13\$000; da freguezia de S. João do Souto, 10\$000; da freguezia de S. Thiago da Cividade, 10\$000; pessoas pobres do convento do Salvador, 8\$000; pessoas pobres do convento dos Remedios, 8\$000; Recolhimento de S. Domingos, 8\$000; Recolhimento das Beatas de Santo Antonio, 4\$500; Conservatorio do Menino Deus, 9\$000; Convertidas de S. Gonçalo, 9\$000; Hospicio da Caridade, 8\$000; convento de Santa Thereza, 10\$000; convento da Regeneração, 12\$000; hospital de S. Marcos, 13\$000; presos da cadeia, reis 12\$000; estudantes pobres do quartel de S. Luiz Gonzaga, 9\$000; Conferencia de S. Vicente de Paulo, 9\$000; Asylo de Mendicidade, 18\$000; Asylo de S. José de S. Lazaro, 12\$000.»

E' assim que fazem os verdadeiros apóstolos, os filhos da Santa Igreja—confundindo os que negam aos catholicos a mais formosa das virtudes—a caridade.

Já que fallamos das virtudes do virtuoso Prelado, não devemos olvidar as recompensas, ainda que as principaes as receberá S. Ex.ª R.ª no Céu.

No mesmo dia foram entregues ao venerando Primaz as insignias da Grã-Cruz de Christo.

Os nossos parabens.

Um correspondente de Braga para um jornal do Porto narra o seguinte:

«Sua Magestade a Rainha, tendo observado, na sua visita ao collegio da Regeneração, que as recolhidas lava-

vam e engommavam para fóra, e notando a perfeição dos seus trabalhos, passou ordem ás suas damas para mandarem lavar e engommar, no mesmo collegio, todas as roupas do Paço.

Assim se fez, e desde o dia 10 que ali tem sido lavada e engommada a roupa branca de suas majestades, de suas altezas e dos seus familiares, e consta-nos que tem agradado o modo como as recolhidas se tem havido no desempenho d'este mister.»

Folgamos com a noticia, porque nos mostra que os principes se irão convencendo de que as casas religiosas não são *antros de ociosos*, mas casas de trabalho e virtude. Chegarão os principes a dar lições aos que governam? tomal-as-hão elles?

Isso é que ninguem sabe. . .

Muito gostosamente publicamos o seguinte, que um correspondente de Lamego communicava a um jornal politico do Porto:

«O que hoje em Lamego mais prende as atenções de todos é a optima administração e o plano de reformas encetado pelo snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro successor do snr. bispo D. Antonio.

Pertence o snr. D. João a uma antiga familia de Villa Real, sobremodo distincta, e aparentada com algumas das mais *fidalgas do paiz*. Em Lamego conta s. ex.^a varios parentes entre os representantes que subsistem ainda hoje da velha nobreza, n'esta cidade, que era, em tempos não muito remotos, um dos centros da provincia mais notaveis pela sua *fidalgua*. E isto não deixou de influir para que a sua nomeação para esta diocese fosse desde logo bem recebida.

Não são, porém, os pergaminhos e as tradições nobiliarchicas, de bem somenos valor nos tempos que correm, que lhe têm grangeado a estima dos seus diocesanos. As suas virtudes peregrinas, aliás apanagio da sua estirpe, é que lhe conquistam e conciliam o respeito e a veneração de todos, sem distincção de classes ou jerarchias.

S. exc.^a, de longa data, era conhecido e apregoado no paiz como um sacerdote modelo; precedia-o tambem a fama do brilhante papel que desempenhou em Lisboa, como arcebispo de Mitylene e vigario geral do patriarcado; e agora no governo d'esta diocese, começado ha dois dias, já existe uma serie de factos luminosos que nos vêm demonstrar que essa nomeada é inteiramente justa.

Se se procurar um prelado prudente e discreto, em summa vasado no molde

que nos deixou S. Paulo, esse prelado encontra-se hoje em Lamego.

Muitos dizem: «O snr. D. Antonio prestou bons serviços a este bispado, mas um dos mais relevantes foi por certo o propor para seu coadjutor e futuro successor o snr. D. João Rebello.»

Deus dê vida longa ao illustre prelado, cujo governo vem abrir uma era de prosperidade religiosa e social para a diocese de Lamego.»

Gostamos da noticia e mais ainda do noticiario por não procurar deprimir o Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Bispo D. Antonio, para exaltar o seu coadjutor. E' assim que faz quem não tem em mira denegrir reputações, como certos festeiros bem nossos conhecidos.

Felicitemos o nosso bom collega e companheiro *A Ordem*, de Coimbra, por entrar no decimo anno da sua publicação, e com as nosssas felicitações dirigimos nossas preces ao Senhor por nos deixar assistir a mais este facto da vida jornalística do nosso collega, nascido quasi no mesmo dia que o *Progresso Catholico*. *A Ordem* entrou na arena da imprensa ha dez annos, no dia 26 de outubro; nós fizemos a nossa quatro dias depois, a 30 do mesmo mez. Somos, pois, irmãos, e em tudo irmãos, graças a Deus, e é por isso que a *Ordem* e o *Progresso Catholico* são as publicações mais odiadas pelos inimigos, e até, o que mais custa, pelos *amigos*.

E' muito boa! Conta um jornal que um conego brasileiro foi uma noite a um baile em fórma, onde se achavam reunidas todas as bellezas femininas da cidade. Mas, apenas entrou, dirigiu-se á dona da casa despedindo-se. Esta, admirada, replicou-lhe:—Como assim, pois já nos deixa, quando acaba de entrar?

—Sim, minha senhora. Como vejo as senhoras meio despidas, e suppondo que se querem deitar, n'esse caso peço a v. ex.^a licença para me retirar, não vá servir de estorvo.

Bem apanhada, e excellente lição para as damas que costumam andar sem se vestirem de todo.

Pedimos a todos os nossos bons assignantes que ainda não pagaram seus atrasos, o façam breve, assim como aos do presente anno. Andando isto paguinho em dia corre tudo ás mil maravilhas.

Nós queremos melhorar mais a publicação; mas... o dinheiro não vem a tempo...

Escreve-nos da Povoia de Varzim um amigo nosso, narrando-nos o que por

aquella importante villa tem feito os agentes do protestantismo. Ainda bem que os bons catholicos, não só da terra, mas os que ahi vão fazer uso de banhos, tem mostrado que sabem cumprir os seus deveres, queimando publicamente as Biblias e outros livros anticatholicos que a seita para ahi mandou vender. Diz-nos o nosso nmigo que o primeiro que fez tão boa acção fóra o parochio de Santa Eufemia de Prazins, d'este concelho; damos a S. R.^{ma} mil parabens, e a todos que lhe seguiram o exemplo.

Outra noticia nos dá o nosso amigo, que muito nos alegra, porque nos dá a medida do entusiasmo com que por toda a parte é recebida a nossa Revista. Entre os muitos barcos de pesca que ha na praia da Povoia, todos com nomes de algum santo ou outro qualquer nome religioso, diz o nosso bondoso amigo, destaca se um, que tem em letras gordas estas palavras:—*Viva o «Progresso Catholico»*. Louvemos a Deus, e Elle cubra com a sua misericordia, sobre as encapeladas ondas do ipar, o barco que tem taes palavras, e todos que n'elle sahem á pesca, enchendo de bens, mormente espirituaes, quem tal lembrança teve.

E já que fallamos da Povoia de Varzim notemos o que um sujeito qualquer, que foi áquella praia, diz, n'um jornal do Porto, fazendo os mais rasgados elogios áquella pittoresca e formosa estancia balnear, elogios merecidos e que nós já fizemos tambem. Mas, como não ha gosto sem desgosto n'este mundo, o bom do homem achou um ponto negro em meio de tantas bellezas, um tropeço ao caminhar progressivo da Povoia de Varzim.

No meio de um largo, achou o entusiasta pela Povoia de Varzim, uma capella em construcção!! N'este seculo, e na Povoia, onde ha *cafés magnificos*, luxuosas casas de jogo, *roletas* pejudadas de ouro, e salas onde se dança o *cancan*; na Povoia, dizemos, e em pleno seculo das luzes, levantar uma capella é caso para pasmar, para dar volta a uma mioleira, e até para afugentar os banhistas! Uma capella em construcção na epoca em que se devem demolir, é, como diz o admirador da Povoia, «um testemunho da ignorancia e do pouco amor que tem a esta povoação aquelles a quem estão entregues os cargos municipaes.»

Valha-o Deus, santinho! Deixe que a camara da Povoia vae fazer-lhe a vontade; vae embargar a obra, para que v. ex.^a quando lá voltar se não ame-dronte em ver a cruz, e não vá, com o medo, cahir ao mar. Diz bem, o progresso quer-se sem egrejas; mas olhe,

dámos-lhe um conselho:—porque não vae para a Zululandia, ou para a Senegambia, onde não se edificam capellas? Era melhor, porque cá, pela Europa, as principaes cidades, e as mais elegantes praças teem como melhores adornos os templos, e o povo da Povoada de Varzim bem anda, ornando uma praça com uma igreja ou capella. Fique certo d'isto.

Aos nossos collegas da Europa e da America, que transcreveram o artigo publicado ha tempos n'esta Revista, sob o titulo—*O Papal* agradecemos penhorados tão honrosa distincção.

Que querem, temos este fracco, e, já agora, não sei como o havemos de perder. Somos amigo das Irmãs de Caridade, e por isso tudo que encontrarmos que a ellas se refira, havemos transcrevel-o para aqui. E' por isso que lendo no *Commercio de Villa Real* um artigo em que este campeão do liberalismo pede á mesa da misericordia de Villa Real as Irmãs de Caridade, como as verdadeiras enfermeiras, transcrevemos d'esse artigo o seguinte, que gostosos e de graça offertimos aos inimigos das santas filhas da Caridade.

Leia-se:

«Substituir creados por creados, não é o que se torna necessario. A nova creadagem será zelosa, prestadia, e por ventura caridosa para com os enfermos, mas será tudo isso durante alguns dias; passados elles, será igual ou peor do que a que fôr substituida.

O que acontece aqui tem por certo acontecido em outros hospitaes; e é por isso que as suas gerencias teem substituido os creados e creadas pelas irmãs hospitaes.

Mesas de grandes estabelecimentos de caridade, composta de homens liberaes que não temem as influencias reaccionarias que se attribuem a essas mulheres, teem-nas chamado para essas casas, e sómente teem de se applaudir pela sua resolução, depois de muitos annos de-experiencia.

São relevantes os serviços prestados por ellas aos enfermos dos hospitaes e asylos onde lhes tem sido confiada a direcção do regimen interno, e é para esses serviços que olham as administrações d'essas casas; veem n'essas

mulheres a caridade e dedicação extrema pelos enfermos, veem a ordem, o asseio, o arranjo, a vigilancia constante de noite e de dia nas enfermarias, o respeito que aos doentes inspira a sua sublime missão, o respeito d'ellas para com os gerentes, e, em fim, veem n'essas mulheres uns cntes que volun-

riques, passava eu pelo largo de S. Francisco, e perto da estatua detem-me um amigo e pergunta-me:—Tu viste esta estatua antes do dia da inauguração solemne?

—Vi, lhe respondi immediatamente.

—Estás certo se ella estava como agora?

—Ilavia de estar, pois não me consta que fizessem outra.

—Pois estás enganado! A estatua não tinha a espada desembainhada; mas, quando el-rei a descerrou, a figura de D. Affonso fitou um personagem que estava ao pé da familia real, e, tomando attitude belicosa, rapou da espada, e bradou muito zangado, dirigindo-se ao tal figurão:—ah cão, que me roubaste os conegos!

Dito isto o meu amigo apertou-me a mão a rir muito e eu fui meu caminho rindo tambem, e os leitores façam o mesmo, se quiserem.

J. de Freitas.



UMA BELLEZA DE MECCA

DECLARAÇÃO IMPORTANTE

tariamente se sacrificam pela obra mais grandiosa desde os tempos primitivos do christianismo—a caridade.

Os homens liberaes não temem nem podem temer que periguem as instituições, porque algumas mulheres vão tratar dos enfermos nos hospitaes.

Se a França republicana temesse um perigo tal para o seu systema de governo, não admittiria as irmãs da caridade nos seus hospitaes, e, o que é mais, nos hospitaes de sangue.»

Muito bem! Quem tem medo das Irmãs de Caridade? A ignorancia e a má fé.

No dia seguinte ao da solemne inauguração da estatua de D. Affonso Hen-

Tem-nos sido apresentadas pelo correlo varias cartas multadas, por falta de competente franquia umas, e outras, por virem franqueadas com estampilhas do antigo padrão, o que vale o mesmo que não trazer franquia alguma; prevenimos, por isso os nossos estimaveis assignantes que não recebam resposta, de que é esse o motivo. Como não conhecemos pela lettra quem nos manda as cartas, motivo porque as não recebemos, não vindo devidamente estampilhadas.

Teixeira de Freitas.